

De que escola estamos falando?*

Pedro Demo**

A educação atual, infelizmente, é coisa pobre para pobre, sobretudo a escola pública. Mas, sabemos também que tem muita escola particular que não escapa disso. De repente, a escola que deveria ser uma oportunidade para o pobre está atrapalhando o pobre.

Um determinado estado do nordeste brasileiro promoveu, este ano, uma avaliação do aproveitamento escolar dos alunos da rede pública estadual, usando a mesma metodologia do SAEB – Sistema de Avaliação da Educação básica. Ao concluir, descobriu que na 3ª série do Ensino Médio o aproveitamento de matemática foi de 2%, e de língua portuguesa de apenas 6%. Na verdade não existe aproveitamento algum. É uma escola que está fraudando os estudantes. Além de ser escola pobre para pobre é também escola para manter o pobre sempre pobre.

Não conseguimos universalizar o Ensino Fundamental que é um direito constitucional neste país. No Brasil, pelo menos 1/3 das crianças não concluem o Ensino Fundamental, revelando forte exclusão e as que completam a 8ª série aprendem miseravelmente pouco. O Brasil está na América Latina, mas em educação está mais para África. Nós temos uma das aprendizagens mais degradadas do mundo. É inacreditável o pouco que se aprende na escola.

A escola pública gratuita é importante por se tratar de um dos patrimônios fundamentais da sociedade que oferece às crianças, através da construção do conhecimento, a possibilidade de construir sua autonomia, de forjar um caminho próprio e ter história própria.

São muitas as invenções do ser humano na sua trajetória: a democracia, a universidade, mas ousaria dizer que talvez a mais importante seja a escola, principalmente, a escola básica. Por que a escola pública e gratuita é tão importante? Porque ela trabalha o direito de aprender que hoje é considerado, inclusive dentro da biologia, o direito dos direitos, o direito zero. Segundo alguns biólogos, antes da vida vem o direito de aprender, pois a matéria se fez vida porque soube aprender.

E hoje, mais do que nunca, temos a certeza de que um belo sinônimo de viver é aprender.

A morte mais fatal que o ser humano conhece é deixar de aprender. Os idosos são um exemplo disso, porque mais do que ninguém eles sabem que deixando de aprender, morrem. Ouvimos, então, falar da universidade da melhor idade onde os idosos aprendem música, dança, informática.

A escola tem esta expectativa absolutamente fundamental e que se constitui no direito de se emancipar, o direito de não ficar à sombra na história. O direito de não ser o resto da sociedade, o direito de não ser deixado para trás. Talvez para o pobre, uma boa escola signifique essa chance, outras dificilmente ele vai ter, dificilmente vai ficar rico, dificilmente vai ganhar na loteria, dificilmente, dificilmente, tudo dificilmente. Mas, se ele tivesse uma boa escola pública gratuita, poderia dar um salto para frente. Poderia descobrir que existem horizontes possíveis desde que a gente se meta a fazê-los, e que para fazer é preciso estudar, conhecer, aprender e que esse é um caminho livre. Então, apesar de ter que começar com essa história triste de que a escola atual é coisa pobre para o pobre, nela também lateja vibrantemente uma grande esperança.

Estamos entrando na sociedade do conhecimento e queria falar da importância dessa idéia da sociedade do conhecimento, que está sempre casada com a educação, ainda que educação e conhecimento não sejam sinônimos. Conhecimento é muito mais da ordem dos instrumentos, enquanto que a educação é muito mais da ordem dos fins, porém os dois precisam andar juntos, ainda que briguem muitas vezes. O signo principal da sociedade do conhecimento é autonomia crescente, quanto mais existe conhecimento mais a sociedade é independente. Foi assim na história da humanidade. Os povos mais avançados são os povos que dominam o conhecimento. O centro do sistema internacional globalizado é centro não só porque tem dinheiro, mas, sobretudo, porque tem conhecimento que hoje é

* Palestra proferida no III Fórum de Educação CEAP – Uma outra escola é possível – em Salvador-Ba. -em outubro de 2001.

** PhD em Sociologia pela Universidade de Saarbrücken, Alemanha. Professor titular da UnB – Universidade de Brasília. E-mail: demo@solar.com.br

o grande fator produtivo, mais que o próprio capital. A diferença, hoje, entre país desenvolvido e país subdesenvolvido é esta: os países desenvolvidos produzem conhecimento próprio enquanto que os países subdesenvolvidos copiam o conhecimento dos outros. Para usar uma expressão provocativa: enquanto o primeiro mundo pesquisa, o terceiro mundo “dá aula”.

Aula no sentido negativo de requestrar o café velho e de aproveitar sobras que caem lá do outro lado. Não temos, ainda, conhecimento próprio e por isso não temos história própria. A nossa história é desenhada e montada fora daqui. Eles fazem o nosso script e aqui nós executamos. Isso só acontece porque não temos conhecimento próprio. Uma das armas mais poderosas que há e que podemos colocar na mão do pobre é o conhecimento capaz de fundamentar a autonomia dele.

Hoje, usando uma linguagem marxista, estamos na mais valia relativa, não mais na absoluta na qual se explorava apenas a força do trabalhador, a energia física do trabalhador. Hoje se explora a sua inteligência. Então, pode-se produzir mais e melhor em menos tempo, mas isso não veio em favor do trabalhador e sim em favor do capital. No entanto, não impede de reconhecer que hoje o conhecimento é decisivo para a inovação produtiva, para a competitividade.

Cada vez mais a ciência vai se tornando senso comum. Não se percebe isso tão bem no Brasil, mas em outros países como Alemanha e Estados Unidos vê-se claramente que a vida das pessoas está rodeada de ciência. Lá todo mundo come, constrói uma casa, faz um carro, faz uma dieta, tudo de acordo com a ciência. Boaventura dos Santos diz que no fundo a grande lógica do progresso é o saber pensar e intervir. Os povos que sabem pensar e intervir, conseqüentemente, progredem. Os outros nós chamamos, embora injustamente, de “primitivos”. Os povos primitivos são pensados pelos outros, não produzem sua história, não fazem o seu caminho.

Na espécie humana o diferencial sempre foi o conhecimento. Aliás, muitos mitos giram em torno disso, por exemplo, qual foi o pecado de Adão e Eva? Comer da árvore do conhecimento. Quem come da árvore do conhecimento não tem mais volta, perde a inocência, fica crítico e também é mordido pelo poder. Existem pesquisas que mostram que o parente mais próximo do conhecimento nunca foi a verdade e sim o poder.

Enquanto o positivismo afirmava que o poder se infiltra no conhecimento de fora para dentro, Foucault dizia que o poder sempre morou lá dentro. Não há conhecimento sem poder. Então, o conhecimento é dúbio, é ambivalente. O mesmo conhecimento que esclarece, na outra face imbeciliza. Nós podemos usar o melhor conhecimento para impedir que outras pessoas conheçam. Essa é a escola pobre para o pobre. Toda nossa história de conhecimento está cercada de censu-

ra. O sistema não tem medo de um pobre com fome, mas de um pobre que sabe pensar. O conhecimento tem uma coisa extraordinária, dúbia, mas importantíssima, que é a potencialidade disruptiva.

O conhecimento no fundo é indomável. O conhecimento só é conhecimento quando é rebelde, quando salta, quando desconhece as fronteiras, quando se contrapõe, quando se confronta. Então, muita gente vai dizer que conhecimento é sinônimo de revolta. Nós precisamos colocar na mão do pobre a arma da revolta que é conhecer e a liberdade que esse conhecimento exige. Por mais que o conhecimento seja colonizador, ele exige liberdade. Onde existe teorias conflitivas, idéias opostas, aí o conhecimento surge.

E é por isso que o sistema nega o conhecimento. O sistema está interessado numa escola pobre para o pobre, porque ele tem medo de um pobre que pensa. Paulo Freire foi amado e odiado porque apostava na capacidade de o pobre se tornar crítico. E esta é a grande função da escola pública.

Como o conhecimento é dúbio, vive dessa idéia de colonizar, censurar e por outro lado também de esclarecer, criticar. A grande vantagem comparativa hoje é o conhecimento. Há muito tempo atrás dizíamos: o Brasil está fadado a ser um grande país porque tem uma economia enorme, porque tem muitos rios, porque tem muitas florestas. Porém, de nada adianta ter recursos se não souber trabalhá-los.

Conhecimento, como é feito de poder, nem sempre ajuda aos que precisam e mais facilmente ajuda aos poderosos. Um matemático que fez mestrado comigo em Brasília, através da sua pesquisa, quis mostrar “Matemática como fator de exclusão social”. Ele trabalhou com o exemplo de uma professora que leciona a mesma série em escola no centro da cidade e em outra na periferia. Com a pesquisa ele pôde mostrar que essa professora, que jura que trata todo mundo do mesmo jeito, dá uma bela aula de matemática na escola no centro da cidade enquanto que na periferia é uma porcaria de aula. Nós professores, diante do pobre não temos um gesto de elevar e sim um gesto de nivelar por baixo.

Mais do que ninguém, o pobre precisa da melhor matemática imaginável, por exemplo, e é por isso que dói tanto escutar que numa escola pública na 3ª série do Ensino Médio não existe matemática.

O conhecimento é um grande sinônimo de oportunidade. Por que os jovens querem estudar na universidade? Porque eles conjugam as duas coisas, conhecer é ter oportunidade. Quem não é rico, quem não tem dinheiro, precisa ter conhecimento. Um país atrasado como o nosso fica transmitindo conhecimento, um país avançando fica reconstruindo. Uma das coisas mais erradas, mais retrógradas da nossa vida escolar é a mera transmissão de conhecimento. Isto já é tipicamente coisa pobre para pobre.

Entre as coisas mais inúteis da escola está a aula. O aluno que perde aula não perde nada. O aluno precisa saber pensar e não é com aula que vem o saber pensar. Qualquer professor que pensa bem não se centra na aula. O mal da aula é que ela já vem pensada. O que é que o aluno precisa fazer? Escutar, tomar nota e fazer a prova. Não tem nada a ver com o saber pensar. É proposta inteiramente excludente, é resto para o resto. O aluno precisa reconstruir conhecimento, o conhecimento só interessa se for reconstruído.

Infelizmente a nossa LDB consagrou como grande invenção os duzentos dias de aula. Acredita que quanto mais aula, mais o aluno aprende. Precisamos é aumentar o tempo de aprendizagem e não da aula. Sei que muitos professores não gostam dessa conversa porque gostam da aula, mas é preciso olhar o conhecimento de frente. As nossas crianças precisam saber pensar, precisam de autonomia, precisam de emancipação e não de aula.

Hoje nós definimos de maneira diferente o professor. O professor não é quem dá aula. Aula qualquer um dá. A Danusa Leão dá aula de boas maneiras, é professora. Aquele moço que ensina a dirigir o carro, também é professor, dá aula. Professor é outra coisa, professor é aquele que cuida que seu aluno aprenda, e para que o aluno aprenda, ele tem que aprender. Sabendo aprender bem, conseguirá que o aluno aprenda bem. Então não é só dar aula de matemática, é cuidar que o meu aluno aprenda matemática.

A maioria dos professores chega, despeja a aula e vai embora e depois vem a prova e quem não aprendeu fica fora. Isso não é educação. Precisamos cuidar do aluno. Tem como contrapartida é claro, o que o CEAP, por exemplo, está fazendo muito bem: cuidar do professor. Nesse país ninguém cuida do professor.

No fim do ano passado, o Ministro da Educação queria divulgar os dados do último SAEB e para sua tristeza os dados não foram nada positivos. Acredito que a hipótese mais provável que justifique tal resultado é que ele forçou a progressão continuada e encheu a 8ª série de alunos que não estavam preparados. Quer dizer, foram empurrados automaticamente e não pela via da aprendizagem. Além de ser uma farsa, gerou um grande problema. Nesse país, nós não aprofundamos a discussão sobre aprendizagem e isso também é responsabilidade dos professores e em particular da pedagogia.

Aprendizagem é fenômeno reconstrutivo. Onde não existe reconstrução, não há aprendizagem. É por isso que a aula está ultrapassada. A aula não vai desaparecer, mas é secundária. Não existe nenhuma teoria importante que coloque a aula como didática central, nós é que inventamos na nossa mediocridade. O aluno precisa reconstruir e não engolir, copiar, reproduzir. Ele tem que ser o dono do conhecimento, refazer esse co-

nhecimento e saber se confrontar com esse conhecimento. Esse é o argumento clássico de Piaget.

Toda aprendizagem é substancialmente fenômeno político. Aprender significa fazer-se sujeito, sair da condição de objeto. Ficar escutando aula é ficar engolindo um conhecimento já velho, cópia da cópia da cópia e lá vai cópia. O Brasil é uma cópia. O grande legado de Paulo Freire: aprendizagem é fundamentalmente um fenômeno político. A competência humana mais destacada que a história conhece é a competência política. O valor do conhecimento está na sua substância política. Ele é capaz de gerar autonomia, de mexer com a energia política do ser humano. Energia política significa não aceitar os limites, confrontar-se com aquilo que existe. Nós estamos acostumados a dizer lá na universidade: contra os fatos não há argumento. O conhecimento nunca aceitou isso, nunca. Sempre há argumentos contra os fatos.

Uma vez era fato que não podíamos voar. Se nós fôssemos atrás dessa idéia nunca voariamos. Hoje vamos com a maior tranquilidade, porque o conhecimento se nega a aceitar qualquer limite. Por isso muita gente afirma que o que mais nos aproxima de Deus é o conhecimento. Por outro lado, brinca de ser Deus, quer resolver tudo e esquece que é um ser humano limitado. Mas, tem seu lado interessante da emancipação, da autonomia. Isto nós precisamos demais, nós precisamos hoje de um pobre que saiba se confrontar. Um pobre que vai para luta, um pobre que se organiza e bate de frente. Isso o conhecimento pode fazer conjugado com a educação. Esse é o lado político do conhecimento.

Quanto ao aspecto emocional, que já é de domínio público, queria apenas dizer muito rapidamente que nós temos, no Brasil, a tendência de interpretar o emocional como prazer físico imediato. Então, quando o professor diz que o aluno só aprende se sentir prazer, está dizendo apenas meia verdade. Se assim fosse, pouca gente iria fazer vestibular, praticamente ninguém se meteria a fazer o mestrado, porque tudo isso é muito difícil. As pesquisas dizem que aprendizagem é uma coisa tão profunda, tão avassaladora, que exige o envolvimento total da pessoa, o que implica sofrimento. Aprender de verdade dilacera as nossas entranhas. Nós temos que abandonar idéias, abandonar crenças, partir para desafios que a gente nem conhece, fazer aventuras. E isso não dá o prazer físico imediato. Quer dizer então, nós não podemos ligar a aprendizagem à alegria do bobo alegre. Nós temos que ligar a aprendizagem à alegria do bom combate. Aí sim, a glória de um professor é ver um estudante que começa a pensar por si, que se debate, que sofre, que geme, mas vai nascendo um sujeito com história própria. O professor não mora na cabeça do estudante, ele está fora e mesmo assim é considerado um fator intrínseco da sua aprendizagem.

O professor é essencial para a aprendizagem do aluno e não para dar aula. Professor que só dá aula é descartável. Precisamos é de um professor que cuide que o aluno aprenda, que está lá todo dia, que orienta, que avalia, que motiva. Quem leu O mundo de Sofia, viu lá este professor. Lá tem um professor “escondido”, eis um belo lugar para o professor. É como no jogo de futebol: não dá para jogar futebol sem o juiz, mas se ele aparece estraga o jogo. No futebol, são os jogadores que tem que aparecer e na aprendizagem é o aluno.

O professor que acha que é importante tirar dúvidas do aluno é um babaca. Professor não foi feito para tirar dúvidas do aluno e sim para produzir mais dúvidas, até que o aluno perceba que não adianta perguntar e que tem que resolver sozinho. O que ele vai encontrar no professor é uma orientação. Por isso que hoje está na moda a visão socrática da educação. O que é que Sócrates fazia? Andava com seus estudantes fazendo perguntas, obrigava-os a pensar. Esta é função da escola e este é o professor insubstituível. Nós precisamos, antes que seja tarde, ocupar o nosso lugar de professor orientador, avaliador. Quanto ao professor que só dá aula, este vai ser substituído facilmente pela eletrônica e com grandes vantagens, porque a eletrônica é colorida, tem efeitos especiais.

A politicidade da educação só pode ser de dentro para fora. Uma das grandes passagens de Paulo Freire foi, justamente, em relação ao problema da consciência crítica. Por quê? Porque você não pode fazer a consciência crítica do estudante, se você fizer, por definição ele vai ter a tua e não a dele. Então aí está uma jogada que é a grande dialética do professor. Como é que eu faço uma influência de tal maneira bem feita que o aluno saiba resistir a essa influência? Este é um milagre, existe influência libertadora. Não é uma contradição, isso é uma dialética. O bom professor influi o aluno de tal maneira que ele não se deixa influenciar.

Na realidade nós tememos a emancipação. A gente fala que gosta do filho que inventa, mas lá entre nós preferimos o filho medíocre que todo dia faz a mesma coisa, que obedece prontamente. Só que não serve para nada, na escola também. Mas se olharmos para os problemas que temos que resolver na sociedade, chegaremos à conclusão que precisamos do rebelde. Nós temos que ter gente que enfrenta, que não aceita, que pensa diferente, que quer história própria.

Nós somos terrivelmente instrucionistas. Identificamos isso nas próprias ofertas que se fazem aos professores. Quer dizer, quantas semanas pedagógicas existem pelo país afora? São todas instrucionistas. Os professores novamente vão escutar a aula e não saem para pesquisar, para elaborar um material didático próprio. O que seria absolutamente comum para um bom professor, produzir material didático próprio, usar o livro didático como material de pesquisa e não como

manual. Manual é o professor. Nós não temos isso porque somos filhos de uma universidade instrucionista.

Piaget dizia, entre tantas coisas, sempre que a gente responde a uma dúvida da criança, impede que ela aprenda. Se vocês olharem bem, a nossa escola está lá só para responder as dúvidas. Ainda esperamos a autonomia vinda do opressor, como dizia Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido. Nós ainda temos essa idéia encravada na nossa cabeça desde 1500 e ficamos esperando um príncipe encantado que venha resolver o que nós não sabemos como resolver.

Ao lado da pobreza material: fome, desemprego, existe uma pobreza, ainda mais arrasadora, que eu chamo de pobreza política. É a pobreza política que impede que a pessoa saiba pensar, é o cultivo da ignorância. Temos que despertar nessa criança popular a capacidade de entender criticamente o que estão fazendo de nós. Que estado é esse, que mercado é esse, que elite é essa, que história é essa da qual eu não participo? Só que nós estamos apoiados no instrucionismo que puxa por esse lado negativo e que gira em torno da aula, da cópia e da prova.

Aula, cópia e prova é o que nós fazemos na escola, é o que nós fazemos na vida e esta é a cara do Brasil. Não saímos daí, é uma engrenagem que gira por si e vai se reproduzindo indefinidamente. Nós ainda não descobrimos a energia do conhecimento, ainda usamos a linguagem completamente arcaica. Ainda falamos em adquirir conhecimento, por exemplo, como se conhecimento pudesse ser comprado, adquirido. Qualquer teoria mais profunda, hoje, mostraria que conhecimento não pode ser transmitido. Basta você fazer um experimento breve e bem conclusivo para chegar a essa conclusão: coloque vinte pessoas numa mesa redonda e conte para a primeira pessoa um segredo que ela vai contar para a segunda e assim sucessivamente. Quando chegar na última pessoa o segredo aparecerá irreconhecível. Por quê? Porque cada pessoa interpreta, reconstrói, acrescenta, esquece, muda e assim por diante. Mas, se você colocar vinte computadores e gravar um arquivo no primeiro, o mesmo arquivo no segundo, vai chegar no último e terá o mesmo arquivo. Computador não reconstrói, computador não é um fenômeno hermenêutico, mas o homem é. Então, mesmo que quiséssemos obrigar o aluno a engolir conhecimento, ainda assim ele iria engolir à maneira dele. Muitos autores diriam: é impossível instruir uma pessoa. Não dá para instruir, apenas educar. A coisa vem de dentro para fora e não de fora para dentro.

Maturana é um chileno que inventou a teoria do autopoiese, isto é, o ponto de vista do observador sempre prevalece no confronto com a realidade. Não é a realidade que entra na nossa cabeça, é a nossa cabeça que capta a realidade. Isso acontece primeiro de acordo com a evolução biológica, ou seja, nós temos um

cérebro biologicamente formado, portanto só pode o que a biologia lhe permite. Não dá, por exemplo, para olhar para a natureza e descobrir que aí tem noventa e dois elementos atômicos. Para chegar lá nós temos que fazer uma malhação danada. A outra questão são as circunstâncias que a história nos dá. Interpretamos de acordo com o contexto cultural. Quem tem uma grande leitura, interpreta melhor, quem não lê nada, interpreta menos. Quem tem boa informação, vê mais, quem tem menos informação vê menos.

Edelmam/Tononi falam da emergência biológica e apontam para uma coisa fantástica: como é possível o cérebro, sendo matéria, produzir algo tão imaterial como é o pensamento? Fenômeno reconstrutivo. A própria natureza não suporta aula. Um dia ainda vai ser colocado lá entre os direitos humanos: não pode dar aula, sobretudo para crianças de sete anos. Qualquer biologia vai dizer que essa criança presta atenção durante os primeiros cinco minutos, depois ela voa, mas a professora está lá dando aula de 50 minutos e achando que o aluno tem que estar atento. É uma coisa que só interessa ao professor e com isso perdemos uma grande chance de cuidar da aprendizagem do aluno. Quer dizer, é uma proposta muito autoritária.

Temos alguns estudos brilhantes sobre o autoritarismo na aula. Qual é a chance que o aluno tem diante de uma aula? Nenhuma, ele só pode copiar e devolver na prova. Se olharmos bem, um quartel tem mais liberdade que uma escola. Tapscott, em sua obra *Geração Digital*, escreveu um capítulo substancial contra o instrucionismo e disse: “a mudança na escola não há de vir do professor, porque nós somos muito conservadores, e sim dos alunos que já não suportam mais os professores”. Hoje eu tenho certeza disso. Os alunos é que vão derrubar a universidade e essa nossa didática obsoleta do tempo dos dinossauros. Porque ele tem internet, tem informação. Cada vez mais nós vamos ter a experiência de encontrar na sala de aula o aluno que está mais informado do que nós, que leu algo que ainda não lemos.

Certamente vocês conhecem hermenêutica: sempre interpretamos, não reproduzimos apenas. Nós só aprendemos se pesquisamos e isso é condição básica para aprendizagem, não só para o aluno da 1ª série, como também para o doutor. Quer dizer, nós só aprendemos se questionamos, se duvidamos, se não aceitamos o que está dito. Por isso destaco a pesquisa como princípio educativo, destaco o seu valor pedagógico e não apenas o valor científico, metodológico que também é importante. Qual é a pesquisa que uma criança de 7 anos faz? Não é a mesma do PhD, é claro. Mas é também uma pesquisa como o próprio Piaget dizia: toda criança é um formidável pesquisador, a escola é que atrapalha.

Considerando tudo isso, percebemos como o ambiente da escola é ridículo. Na escola as crianças estão em fila, têm uma disciplina a ser observada, todo mun-

do tem que escutar calado, não tem nada a ver com a biologia de uma criança de 7 anos, mas isso parece que não interessa. Para uma criança de 7 anos aprender precisa estar num ambiente lúdico, precisa fazer bagunça, a linguagem dela é lúdica, então precisamos do professor que saiba lidar com isso, que deixe o aluno brincar um pouco, mas que saiba a hora de chamar para o trabalho. Coloque em grupo, deixe os alunos participarem, bote para escrever, escrever muito, toda semana. Coloque na parede tudo o que o aluno produzir para ficar bonito e valorizar. E aí vocês perceberão que não precisa de prova, prova é a prova definitiva da mediocridade do professor. O aluno que pesquisa, escreve toda semana, produz material de sobra para mostrar se ele está aprendendo ou não, não precisa de prova. Entupir o aluno durante um mês e depois verificar se ele guardou tudo numa prova significa que você não está cuidando da sua aprendizagem. Então é isso, é cuidar todo dia, é avaliar todo dia, é garantir toda hora que o aluno aprenda, é tirar a limpo, já que os dados dizem que o aluno não aprende. Se fôssemos dar atenção para os dados, estaríamos muito mal, porque nós aprovamos um monte de gente que os dados dizem que não aprenderam. Então, nós estamos muito mais preocupados com o nosso status, com a nossa aula, com a nossa autoridade, do que com a aprendizagem do aluno.

Outro fator importante é a elaboração própria. Elaborar é um termo forte, elaborar é fazer a coisa passar por dentro da gente. É como digerir. Não podemos pegar um pedaço de carne e enfiar na veia, por exemplo, vai matar. Precisamos mastigar, engolir, digerir, aí a carne se torna energia. A mesma coisa acontece com o conhecimento, o conhecimento que está fora, entra em mim de maneira adequada se eu elaborar. Os professores conhecem um grande problema que eles têm nas escolas, que se chama projeto pedagógico. O grande problema do projeto pedagógico é elaborar. Aí a primeira saída é preferir o projeto pedagógico coletivo, porque no coletivo a gente se esconde. A grande maioria dos professores, caso fossem chamados a escrever seu projeto pedagógico, iriam sentar e não levantariam mais. Isso é um problema nosso, nós não aprendemos a elaborar. Quer dizer, não temos proposta própria. Vejam como isso é essencial e como a pedagogia está devendo isso. Todo professor tem que ser um exímio elaborador de proposta própria. Tem que fazer material didático próprio. Tem que saber definir com clareza onde é que ele quer levar o aluno. O que é que ele quer com um processo educativo, isso é elaborar.

Avaliação para aprender. Os pedagogos brasileiros estão brigados com a avaliação, em parte com razão, mas em parte sem razão. A única razão de ser da avaliação é garantir a aprendizagem do aluno, e para isso ela é essencial. Daí nós vamos inventando conversas fiadas, por exemplo: não pode fazer uma avaliação

classificatória. Pois eu digo, todas são classificatórias. Não avaliamos sem comparar. Isso é uma bobagem. É como dizer: vamos fazer uma contagem numérica, mas sem usar número. Toda avaliação é injusta, ninguém consegue avaliar um ser humano com justiça. Não existe isso e mesmo assim é necessária. É como toda mãe que cuida de cinco filhos, ela avalia e classifica, caso contrário não saberia dizer qual necessita de mais cuidados. Na sala de aula também temos que saber claramente: eu preciso cuidar desse aluno, ele tá ficando para trás, a este eu vou me dedicar mais. Portanto, precisamos classificar.

Então, contra tudo isso, os pedagogos inventaram que a avaliação não pode ser classificatória. E isso não existe. Temos é que colocar pedagogia na avaliação. Para que classificar? Para cuidar e não para humilhar, para deixar para trás de vez. Vou classificar para me dedicar tanto mais. Também inventamos toda uma querela contra a nota. A nota não tem culpa. Quem tem culpa é a cabeça do professor que não sabe usar a nota. A nota pode ser um palavrão e pode ser uma indicação. A nota só indica, a nota te dá certa clareza sobre os níveis, só isso. Por exemplo, diga para o aluno que o trabalho dele foi mais ou menos, ele não se importa muito. Basta dizer: seu trabalho valeu um 4. Quatro? Quatro é mais ou menos não é? Mas se você diz mais ou menos não gera nada, mas se você diz 4, aí ele se manifesta: pô, só quatro? Porque o 4 chama atenção, dá uma distância clara, ele está longe do 10 e próximo do 0.

Ao mesmo tempo todo mundo que defende que a avaliação tem que ser por conceito acaba reduzindo tudo à nota. Porque precisa fazer as médias no fim do ano, não precisa? Então atrás de cada conceito está dito lá: SS na UNB equivale à 8 e a 10, então por que não dou logo 8 ou 10? Quer dizer, nós estamos conversando fiado e não estamos fazendo o principal, que é cuidar que o aluno aprenda. A avaliação existe para isso, apesar de todas as injustiças que ela faz, de toda classificação que ela gera, de todas as comparações dolorosas, ela é fundamental para cuidar que cada aluno aprenda.

A escola está completamente fora da história quando impede a elaboração das crianças, individual e coletiva. A aprendizagem tem que ser ora individual, ora coletiva. Educar pela pesquisa, hoje já é uma discussão nacional e importante. Não queremos transformar ninguém em pesquisador profissional, mas queremos um cidadão que saiba questionar. Se a educação não produz isso, não produz nada e, para chegar a essa idéia tão fundamental de um cidadão que questiona, que se rebela, que quer alternativa, temos que produzir um tipo de impacto no aluno e isso é possível através da pesquisa. A pesquisa, hoje, é de certa maneira a alma da pedagogia. Pedagogo é sempre um bom pesquisador, ele não precisa saber estatística, não precisa saber software de pesquisa, mas é aquele que pergunta, que con-

fronta, que quer saber, que quer aprender. Questionamento reconstrutivo quer dizer questionar e reconstruir, duvidar e refazer, o saber pensar que talvez seja o grande signo da cidadania de hoje. Para ser cidadão precisa saber pensar, saber organizar, ter consciência crítica, não apenas adquirir o conhecimento e sim dominar o conhecimento.

As crianças precisam de conhecimento, então a qualidade formal é essencial. Um conhecimento bom e atualizado. Por quê? Porque com esse conhecimento nós instrumentamos a autonomia que gera mudança. É a autonomia embarcada no conhecimento. Então, hoje, um filão fundamental da cidadania é a política social do conhecimento. Política social fundamental não é a de assistência. Não estou tirando o mérito da assistência, mas a política social de que mais precisamos é a do conhecimento, ou seja, a capacidade de confronto, capacidade de mudar.

A pedagogia é um curso estratégico. É o curso mais importante da universidade. Embora eu deva reconhecer que está sendo hoje o pior, mas isso não me impede de reconhecer que esse é o curso fundamental da universidade por uma razão simples, porque ele trabalha o direito de aprender. O drama é esse, o curso de pedagogia de repente é o curso onde menos se aprende. Isso, nós não podemos tolerar. Um profissional da formação que não tem formação, não dá. Então, sei que muita gente não vai gostar, mas não adianta incensar defunto, essa pedagogia que está aí, morreu. Precisamos outra que realmente abandone o instrucionismo, abandone a aula reprodutiva, abandone as didáticas pré-históricas e se conjugue agora com toda essa idéia do direito de aprender o caráter político da aprendizagem.

Isso tudo tem que ser bem trabalhado, desde a fundamentação biológica que nós desconhecemos e que hoje é um patrimônio extraordinário. O mundo da inteligência artificial vai passar por cima da gente, se ficarmos parados. Os cursos de pedagogia não sabem nada disso, no que já são muito injustos com as novas gerações. Então, não adianta só querer salvar a pedagogia que temos hoje aí, precisa fazer outra. Precisamos de uma pedagogia estratégica que forme um profissional estratégico, um profissional da aprendizagem. Nenhum profissional da sociedade do conhecimento é mais importante que o professor. Por isso precisamos cuidar para que ele tenha o direito de estudar, não no fim de semana ou nas férias, mas durante os 200 dias. Precisamos mudar as tais semanas pedagógicas para que levem o professor a pesquisar, a elaborar, a fazer o seu próprio projeto pedagógico e depois o coletivo. O professor tem que ter uma experiência boa de aprendizagem para poder praticar com os seus alunos.

Se me perguntassem: qual é a coisa mais urgente na educação brasileira? Eu diria sem dúvida nenhuma, o professor. O professor precisa de uma formação

muitíssimo melhor e ganhar muitíssimo mais. Lá em Brasília, os policiais militares, no início de carreira com nível superior, conseguiram o salário de R\$ 3.080,00. Não seria um bom salário para o professor? Não acham que a escola é mais importante que cadeia? Aí está, é uma sociedade muito contraditória. Não estou reclamando que o policial ganhe isso, ele merece. Mas os salários que nos pagam é uma ofensa. O professor não pode cuidar da inclusão dos outros, enquanto não for incluído. Essa equação não fecha. A sociedade brasileira deve isso aos professores.

Por enquanto a sociedade só coloca problemas nas costas do professor. Espera deles verdadeiros milagres. Por exemplo, quantas famílias esperam que o professor dê conta do filho que os pais já não dão conta em casa? Todo mundo espera que o professor introduza o Brasil na sociedade do conhecimento, todo mundo espera que o professor arrume a cidadania popular. No entanto, deixa-se o professor com uma das profissões mais decaídas da sociedade. Se o Brasil não acordar para isso, não adianta parabólica, não adianta computador, não adianta nada. Tudo isso só funciona se o professor funcionar. A peça principal do computador não é o winchester, é o professor.

Quando falo que temos que mudar, inclusive a pedagogia, sei que estou fazendo uma crítica dura, mas também estou colocando o quanto eu acredito na pedagogia. E por acreditar na pedagogia é que nós precisamos resgatar, nós precisamos começar de novo. Para ter um professor à altura, um professor com auto-estima, um professor valorizado, um professor que seja a cara da cidadania.